

Redacção, administração
e officina de composição
R. DE S. MARTINHO

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Baptista Torres
Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 404	<p>Assignaturas AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fôra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO</p>	<p>PUBLICA-SE AOS DOMINGOS</p>	<p>Publicações No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS</p>	8.º ANNO
------------	---	---------------------------------------	--	----------

AINDA

O CASO HOMEM CHRISTO

O CONGRESSO REPUBLICANO.—O SR. BERNARDINO MACHADO

A Lucta, de segunda-feira, depois de ter posto a lume, ao fazer a resenha do congresso republicano, umas infamias e umas reles mentirolas a que se abalançaram varios cavalheiros sobre o caso Homem Christo, terminava com esta:

«O sr. Ramos da Cruz deseja ainda falar sobre a questão Homem Christo.

O Congresso manifesta-se contrario a esse desejo, pois que o assumpto já foi liquidado na sessão da tarde. Por fim, e a instancias da presidencia, foi o sr. dr. Ramos da Cruz auctorizado a fazer as considerações que desejava:

No seu entender o Directorio não era obrigado a intervir no conflicto, porque não se tratava de dois republicanos, mas entende que o Directorio, intervindo, fez muito bem.

O sr. dr. Bernardino Machado diz que as palavras do sr. dr. Cruz parecem envolver uma censura ao Directorio (pelo extracto da Lucta ninguém o dirá, observamos nós entre parenthesis) e por isso desejava que o Congresso se pronunciasse novamente (queria mais palmas, é claro) sobre o procedimento do mesmo Directorio na questão Homem Christo.

O Congresso faz em seguida (ora eis o que elle queria) uma calorosa manifestação d'applauso ao sr. dr. Bernardino Machado.

S. ex.ª, proseguindo, diz que essa manifestação lhe indica que o Congresso applaude o procedimento do Directorio.

O sr. dr. Bernardino Machado diz ainda que tem de preferir mais algumas palavras sobre o assumpto.

Algumas pessoas acham que o Directorio devia ter intervindo mais cedo; outras entendem que elle interveio tarde ou demasiadamente. Deve esclarecer que logo que o conflicto se manifestou, procurou pessoalmente, em nome do Directorio, o sr. Homem Christo e escreveu, na mesma qualidade, ao sr. dr. Affonso Costa, pedindo a ambos que cessassem a contenda, mas foi desacatado. Mais tarde o sr. Christo manifestou-lhe desejos de entregar a questão a uma arbitragem e elle, orador, aconsellou-o a que escolhesse para arbitros dois camaradas seus; o sr. Christo não accitou esse conselho, e mais tarde veio solicitar a arbitragem do Directorio, que lh'a deu como daria a qualquer republicano.»

Mentiu, como fez quasi sempre em toda esta questão. Mentiu! Poucos homens do povo, d'esse povo inculto, d'esse povo quasi irracional, procederiam com a vileza com que este bom, este santo, este cordeal conselheiro, tem procedido em tudo isto. E só agora comprehendemos a designação de bombardino rachado com que alguns populares de Coimbra o baptisaram. Como o povo inculto é, ao mesmo tempo, de tão singular agudeza de espirito!

Como mentisse, o sr. Homem Christo dirigiu ao Congresso a carta que se segue:

III.º e Ex.º Sr. Presidente do Congresso do Partido Republicano

Tendo lido hoje, na «Lucta», que o sr. dr. Bernardino Machado dissera hontem, n'uma das sessões do Congresso republicano, em resposta ao sr. Ramos da Cruz, que me procurava pessoalmente, em nome do Directorio, para me pedir que cessasse a contenda com o sr. Affonso Costa, sendo desacatado, e que mais tarde eu manifestei

desojos de entregar a questão a uma arbitragem, aconselhando-me elle, sr. Bernardino Machado, a escolher para arbitros dois camaradas meus, o que não accitei, indo mais tarde solicitar a arbitragem do Directorio, que m'a deu, como daria a qualquer republicano, entendendo, n'uma questão de facto, dever declarar:

1.º Que quem me procurou em minha casa, em Coimbra, foi o sr. dr. João de Deus Ramos, depois de, sem a menor intervenção ou conhecimento meu, haver conferenciado com o sr. Bernardino Machado.

2.º Que esse senhor, depois de me garantir que o sr. dr. Bernardino Machado não tivera a menor intervenção nos primeiros ataques do «Mundo» contra mim, sahira, voltando, pouco depois, a convidar-me, da parte do mesmo sr. Bernardino Machado, a ir falar com este a sua casa.

3.º Que indo a casa do sr. Bernardino Machado alli encontrei o sr. dr. Fernandes Costa, e falando-se, na presença d'este, na maneira de pôr termo ao conflicto, eu lembrei um tribunal de honra, «mas notando-se que n'essa altura ainda o sr. dr. Affonso Costa não havia publicado no «Mundo» nenhuma das suas cartas».

4.º Que depois de publicada a segunda carta do sr. dr. Affonso Costa eu procurei sempre, sem directa ou indirectamente recorrer ao sr. dr. Bernardino Machado, resolver o conflicto pela forma que mais me agradava, impedindo m'o «absolutamente» o sr. dr. Bernardino Machado.

5.º Que só depois de reconhecer essa impossibilidade eu admitti, n'essa altura, outra solução, sendo certo que preferia, dadas as minhas opiniões sobre duello, um tribunal de honra, mas sendo certo tambem que para constituir o tribunal de honra eu escolhia os meus antigos collegas no directorio, e, para essa hypothese, fui trocar impressões com o sr. dr. Manuel d'Arriaga, logo que, pela attitude do sr. Bernardino Machado e da policia, que desde a minha chegada a Lisboa me vigiou, comeci a ver a impossibilidade de me encontrar directamente com o sr. dr. Affonso Costa.

6.º Que foi o sr. dr. Bernardino Machado quem, á meia noite, em sua casa, me disse que era melhor eu recorrer, para a hypothese do tribunal de honra, ao directorio, lembrando elle proprio os termos, n'esse sentido, da carta ao sr. dr. Augusto de Vasconcellos.

7.º Que o sr. dr. Bernardino Machado não aconsellou, pois, que eu escolhesse para arbitros dois camaradas meus, e que, n'esse caso, nada tive eu que accellar ou deixar de accellar. Falou-se em dois camaradas meus para «testemunhas» do duello, se este viesse a realizar-se. Não tendo relações intimas, actualmente, com nenhum official da guarnição de Lisboa, e procurando toda a gente, naturalmente, para testemunhas, em lances de tal natureza, dois amigos, eu escolhia dois civis, nem ha nada que imponha ao militar o dever de escolher para testemunhas de duello civis ou militares. Para esse fim convidei os srs. dr. João de Deus Ramos e José Francisco d'Azevedo e Silva.

Se, porém, o sr. dr. Bernardino Machado me houvesse lembrado para a arbitragem dois militares, e dizendo-se arbitragem diz-se tribunal de honra, claro é que eu não accellaria pelo simples motivo do militar não poder exercer essas funções desde que existe o «Conselho Superior de Disciplina do Exercito», que eu entendia não dever reclamar para aquelle caso, como perante o mesmo conselho expliquei.

O sr. Bernardino Machado, que não conhece as leis militares, poderia confundir com o facto do militar poder entrar como arbitro—caso que se dá indistinctamente com civil ou militar—ano desempate entre quatro «testemunhas». Mas, em mim, essa confusão seria inadmissivel.

Eis a verdade dos factos. Com o que diz respeito a apreciações, nada tenho, nem quero ter.

Com consideração
Lisboa—29—4—1907.

De V.ª Ex.ª
Att. Ved.º e Cred.º

FRANCISCO MANUEL HOMEM CHRISTO.

Se em vez de republicanos se tratasse de miguelistas, queremos crer que esta carta não só seria publicada nos jornaes do partido, que haviam dado publicidade ás affirmações do sr. Bernardino Machado, como obrigaria o congresso a alguma averiguação, dadas as tremendas responsabilidades que pesam sobre o sr. Bernardino Machado, e, portanto, sobre o partido de que elle é chefe eleito e consagrado. Mas não se tratava de miguelistas. Tratava-se de republicanos. E, portanto, foi muito differente o procedimento seguido.

Dizia o Seculo, terça-feira:

«Com a approvação da proposta do sr. dr. João de Freitas, que tão acalorada discussão provocou, principiou a ser lido o expediente, cabendo em primeiro logar a vez á carta do sr. Affonso Costa, acima transcripta. Depois annuncia-se a leitura de uma carta do sr. capitão Homem Christo. Na assembléa ha um certo movimento de sensação. Essa carta, escripta com firmeza e com um certo cunho de sinceridade que impressiona, confirma todas as declarações que perante o congresso fez o sr. dr. Bernardino Machado sobre o caso Homem Christo-Affonso Costa, e acrescenta ainda outras que o illustre chefe do partido republicano occultou, por mal justificados melindres. A carta produz no congresso uma impressão agradabilissima, sendo o sr. dr. Bernardino Machado calorosamente aclamado.»

A mesma noticia, com ligeiras differenças, dava a Vanguarda e o Diario de Noticias. Um lapso? Não. Um proposito, evidentemente. De quem? Do santo varão que se chama Bernardino Machado, ou de creatura da sua intimidade, sendo conhecidas de todo o mundo as relações do sr. Bernardino Machado com o Seculo, com a Vanguarda e com o proprio Diario de Noticias. Evidentemente. Sem se poder condemnar o expediente, por isso que á omnisciencia e á omnipotencia d'aquelle santo tudo é permittido!

A Lucta, que tinha sido o jornal que mais explicitamente havia relatado a nova mentira e perfidia de Bernardino Machado, limitava-se a isto:

«Seguidamente é lida a carta do sr. Homem Christo rectificando detalhes de facto, nos assumptos tratados na sessão de ante-hontem e que directamente lhe dizem respeito. O sr. dr. Bernardino Machado, como annotação a esta carta, diz que mantem integralmente o que disse na sessão de ante-hontem; está n'uma idade em que não precisa provar as affirmações que faz, mas por consideração pela assembléa dirá que quando o sr. Homem Christo se mostrou favoravel á arbitragem elle orador lhe aconsellou—quando ainda vinham no comboio—a recorrer a dois camaradas seus como arbitros.

Uma salva de palmas acolhe as palavras do sr. dr. Bernardino Machado.»

O sr. Bernardino Machado, pois, segundo a Lucta, não teve que

oppôr ás affirmações do sr. Homem Christo senão a razão da sua idade. Ora essa razão poderia ser admittida se a experiencia houvesse demonstrado que os velhos, mesmo aquellos que teem passado até velhos por honrados, são incapazes de mentir ou de commetter toda e qualquer patifaria. Mas se a experiencia demonstra o contrario a cada passo?!

O Mundo dizia:

«Lê-se em seguida na meza uma carta do capitão Homem Christo, em que rebate certas affirmações do sr. dr. Bernardino Machado na sessão anterior. O dr. Bernardino Machado pede a palavra. Com grande elevação e nobreza, mantem as suas affirmações. Na sua posição e na sua idade—diz o illustre democrata—não tem que se defrontar com pessoa alguma para que as suas palavras mereçam credito. Tem a certeza de que ninguém, individualmente, o constrangiria, a ouvir a leitura d'essa carta. (Applausos unanimes e prolongados.)»

Alem do argumento da idade, o sr. Bernardino Machado empregava mais, pois, o argumento da posição, e tudo isso elle fazia com grande elevação e nobreza.

Estamos na mesma. O Leandro, todos os jornaes o dizem, era um homem honradissimo, respeitadissimo, tido como tal por toda a Lisboa, e com grande nobreza e elevação affirmava a innocencia do Fernandes, perante o publico basbaque, o publico credulo. E, afinal, o Leandro é que tinha planeado o crime da rua da Magdalena.

O Mercier, o Goroze, o Henry, o Paty du Clam, o ministro da guerra paizano Cavaignac, oppunham aos protestos de innocencia de Dreyfus, a respeitabilidade da sua posição, o valor dos seus serviços e da sua idade, a garantia do seu passado impolluto, e, no emtanto,—demonstrou-se, provou-se cabalmente com o tempo—eram uns refinadissimos patifes.

Que o sr. Bernardino Machado faltou á verdade, facilmente o acredita todo aquelle que queira prestar ao caso um minuto de attenção. E isso é muito importante, não pelo valor, em si, dos factos a que o sr. Bernardino Machado se refere e que o sr. Homem Christo contestou, mas porque, provada ali a mentira, já não haverá hesitação em acreditar na possibilidade de do sr. Bernardino Machado haver mantido n'outros pontos. Mas porque, se n'esse ponto o sr. Bernardino Machado falou e procedeu com má fé, é naturalissimo que com má fé haja falado e procedido n'outros pontos da questão. O que é importantissimo! Ninguém se atreve a sustentar que o sr. Bernardino Machado haja procedido bem. O que muita gente ainda quer suppor é que elle procedeu de boa fé. Ora tambem nós suppozemos isso. Tambem nós, nos primeiros dias, lhe perdoámos. Mas acabámos por ter a plena certeza de toda a sua má fé, de toda a sua perfidia, diremos mesmo, de toda a sua perversidade. E vamos vê-lo.

Que Bernardino Machado não procurou pessoalmente o sr. Homem Christo, logo que o conflicto se manifestou, é incontestavel. Quem o procurou foi o sr. dr. João de Deus Ramos, incapaz de desmentir esta affirmação.

Que Bernardino não procurou o sr. Homem Christo em nome do Directorio, tambem é incontestavel.

E, senão, que diga em consciencia o sr. Antonio José d'Almeida, que diga em consciencia o sr. Celestino d'Almeida, se Bernardino Machado os consultou antes de dar esse passo, ou mesmo se os preveniu no instante em que o deu.

Que o sr. Homem Christo não desacatou Bernardino Machado quando este lhe pedia para cessar a contenda, é egualmente incontestavel. Não acreditaremos, até á prova em contrario, que o sr. dr. Fernandes Costa seja capaz, se lh'o perguntarem, de não o confirmar. Deante do sr. Fernandes Costa disse o sr. Homem Christo que, embora não pertencesse ao partido republicano, sendo republicano, tendo sido sempre seu unico proposito, nas censuras dirigidas aos chefes do partido republicano, leva-lo a acatar os principios e a emendar os erros no proprio interesse d'esse partido, da democracia e do paiz, se elle, Bernardino Machado, entendia que da questão, já travada entre Povo de Aveiro e Mundo, resultaria grave prejuizo para o partido republicano, apezar de todos os agravos recebidos de muitos dos membros d'esse partido, e da pouca sympathia que, já por isso, já por tantas faltas politicas imperdoaveis, elles lhe mereciam, não teria duvida em submeter a pendencia á solução e criterio do Directorio, que a resolveria como entendesse. Foi isto dicto, repetimos, deante do sr. Fernandes Costa. E foi dicto muito a tempo, porque ainda não tinha sido publicada nenhuma das cartas de Affonso Costa. Só tinham sido publicados os artigos de Derouet e de França Borges. Porque não terminou ali a questão? Porque Bernardino Machado telegraphou a Affonso Costa, a pedir-lhe que não publicasse a carta annunciada, em termos taes que era o mesmo que não lhe pedir coisa nenhuma. Esta é que é a verdade. Isso, porém, pouco nos importa. O que nos importa é deixar provado que o sr. Homem Christo—facto até hoje desconhecido—atendeu, muito a tempo, o pedido de Bernardino Machado, sendo falso, como este affirma, que o des-

acatasse.

Que o sr. Homem Christo não solicitou a arbitragem do Directorio, é um outro ponto incontestavel. A audacia, o atrevimento, a falta de senso moral d'esse santo varão, que, depois de impedir o sr. Homem Christo de tirar o desforço que pretendia, ainda anda agora, como uma especie de Jupiter, a proclamar que aconsellou, que fez, e que o sr. Homem Christo é que andou mal em não fazer o que elle queria, o que elle aconselhava! Que atrevimento! O d'elle, e o de todos aquelles que se atrevem a applaudi-lo! O de todos aquelles que se quarem arvorar juizes na questão! Que sucia de patifes!

O sr. Homem Christo não solicitou coisa nenhuma. Nem de ninguém. Nem antes do conflicto, nem durante o conflicto, nem depois do conflicto. Apenas accitou a arbitragem como um recurso, preferivel para elle ao do duello. Mas quando accitava a arbitragem, não a queria do Directorio. Queria-a dos seus antigos collegas, e para esse fim provavel falou ao sr. dr. Manuel d'Arriaga, que tambem ali está para o comprovar.

Em todos esses pontos, pois, mentiu sem escrupulo Bernardino

Machado. Não ha duvidas. Não as pôde haver.

Porque não ha de ter mentido quando affirma que aconselhou o sr. Homem Christo a que escolhesse para arbitros dois camaradas seus? Cesteiro que faz um cesto, faz um cento!

Que interesse teria o sr. Homem Christo em affirmar o contrario, confessando, como confessa, que rejeitaria o conselho, se, por ventura, tal conselho lhe houvesse sido dado? Pois quem diz isto teria alguma duvida em confirmar as palavras de Bernardino Machado, se Bernardino Machado dissesse a verdade?

Só esta semana soubemos que Bernardino, e alguns dos da sua facção, faziam finca-pé do caso como *com-promettedor para os brios* do sr. Homem Christo. Mas esta gente está doida! Quantas vezes querem que o sr. Homem Christo declare que só resolvia a questão pela violencia por ser militar? Quantas vezes querem que declare que só com medo de cortar a sua carreira militar, isto é, com medo da *miseria*, acceitava, como ultima hypothese, a mascarada,—para os que querem que seja mascarada, como é em Portugal,—a monstruosidade,—para os que sustentam que é monstruosidade,—do duello?

Estes tartufos a julgarem que o mundo é d'elles, e que só se governa pelas suas ridiculas convenções, pelas suas torpes hypocrisias!

Estes covardes, que commettem as maiores infamias para não arriscar um cabelo da cabeça, que se sujeitam, para comer a sopa descaçada, ás maiores humilhações, ás maiores vergonhas, a quererem, á força, impôr a rejeição do duello como uma covardia! Elles, que são os primeiros a confessar que só vão para o campo da honra por temor do mundo, isto é, *arrastados*! Elles, que ainda n'isso são a covardia personificada!

Quem, mais do que o sr. Homem Christo, tem dado n'esta terra provas da mais difficil coragem? Tão difficil que nos parece,—d'isso se orgulha,—ser elle o unico que as tem dado. Pelo menos ninguem, como elle, se tem sacrificado pela verdade e pelos bons principios em geral. Ninguem, como elle, tem arrostado a calunnia, a inveja, o odio, a perseguição, as más vontades. Todos os outros, todos, tremem ou recuam deante de responsabilidades que elle assume resolutamente a toda a hora. Como havia de ter medo de, pelas consequências physicas, se sujeitar a uma prova a que se tem sujeitado os maiores poltrões em Portugal, a uma prova de que todos elles tem sahido com vida e quasi todos com a cabeça, as pernas, e os braços no seu logar? Que caricatos, que ridiculos, que são, alem de tudo, estes tartufos!

De que o sr. Homem Christo tinha medo era precisamente do contrario. D'isso, sim. D'isso tremia. Horrorisava-o ter de passar por a grande covardia, d'ir para o campo da honra em obediencia ao mundo, como todos os outros vão. A covardia de sacrificar a sua consciencia, de submeter a sua razão a convenções, a preconceitos, em fim, á opinião bestial que tem combatido sem tréguas, sem quartel, sem descanço. Elle, que nunca se guiou senão pela sua opinião, pela sua consciencia, pela sua intelligencia!

De que mais havia de ter medo? Por ventura não arremessa, dia a dia, á face de varios com as mais duras verdades? E já fugiu alguma vez deante d'elles?

Pois accusam-no d'affrontar, pois accusam-no de injuriar, e ainda por cima exigem que seja elle que vá bater nos que são affrontados, nos que são injuriados?

Oh paiz comico! Oh paiz caricato! Oh tartufos miseraveis!

O sr. Homem Christo, por si, contenta-se com a penna, instrumento da razão, para se desaffrontar. Já o disse e di-lo-ha. Sabe-a manejar—tambem já o disse e repete-se. E sabe-a manejar em qualquer campo. Atravessando uma socieda-

de de salteadores, é claro que anda prevenido para todas as eventualidades, como dantes ao atravessar-se o Pinhal d'Azambuja, de saudosa memoria. O Pinhal, agora, estendeu-se. Abranje já o paiz todo. E os salteadores que o infestam são de peor quilate. Mas não desfechará sem que os salteadores lhe saltem á estrada. Fóra d'isso, a sua penna basta. Embaraçava-o a librê. Mas a librê já lá vae. Ha males que veem por bem! Segunda vez, ninguem o reforma. Nem o laço que o prende ainda ao militarismo, e que não tardará a despedaçar-se, é já tão forte que, sendo preciso, não se rompa n'um instante. Nada o detem, agora. Nada o embaraça. A sua penna é livre. Para escrever como lhe convier e agradar, e onde mais lhe convier ou onde mais lhe agradar. Os salteadores que appareçam, se quizerem. Venham os *valientes*, que serão recebidos com as honras que merecem.

Se é assim—e não admite a menor duvida que o é—se o sr. Homem Christo se ri de todos os *magriços* caricatos, se os acha puramente burlescos, a esses cavalleiros andantes do duello, como pensou a caricatura Bernardino Machado, esse *pacifista* que tambem já ameaça com duellos, sendo, d'esse modo, uma nova demonstração da *choldra* nacional, *onde se é tudo e não se é nada*, onde ninguem tem opiniões definidas, nem principios, porque ninguem tem caracter, desmentindo agora com os actos, pulhamente, ou com as palavras, o que momentos antes parecia confirmar com os mesmos actos ou com as mesmas palavras, como pensou a caricatura Bernardino Machado que comprometteria no conceito publico o sr. Homem Christo fazendo, com os da grey, finca-pé da insinuação, ou da accusação clara, mas velhaca, de que aquelle militar não queria nomear militares para a arbitragem com medo d'elles lhe imporem o duello?

E' um parvo alegre, alem de perfido. Abaixo as formulas hypocritas, abaixo esta pelintrieira fraseca que traz n'esta terra todos os homens rastejando, e, de cabeça erguida, diga-se só a verdade. E' um parvo alegre!

Bernardino falou em dois militares para constituirem a arbitragem? Admittamos isso, por um instante, como ultima hypothese. Se falou, o sr. Homem Christo, já tão costumado a não prestar ouvidos a muitos dos seus disparates, nem ouviu, então, o que elle disse.

Como havia o sr. Homem Christo d'ir convidar dois militares para a arbitragem, se elles o deixariam ficar com cara de tolo respondendo-lhe: «Para isso tem você na lei o Conselho Superior de Disciplina do Exercito!» Ao mesmo tempo, como requerer a convocação d'esse conselho para lhe dizer: «Fui injuriado, fui insultado, por um republicano que, alem d'outras coisas, me chama traidor, espião do governo, vendido á monarchia. Queiram vossas excellencias dar a minha honra por illesa ou ensinarme a maneira de me desaffrontar.»

Bando d'asnos. Muito tratantes. Mas, acima de tudo, bando d'asnos.

Bernardino Machado, pois, mentiu. Mas quando não mentisse, com que auctoridade tomava os seus ares *soberanos* no Congresso, e com que auctoridade o applaudia o Congresso *soberanamente*?

E' espantoso, tudo isto. E só n'este paiz.

O sr. Homem Christo poderia ter andado muito mal na sequencia do seu conflicto com Affonso Costa que nem por isso a culpa deixava de pertencer, inteira, a Bernardino Machado. Se este homem tivesse pudor, se tivesse um assomo de vergonha, se fosse, ao menos, verdadeiramente intelligente, haveria emmudecido, ou haver-se-hia penitenciado, unica maneira da consciencia publica o absolver. Então, sim. Então poder-se-hia acreditar na sua sinceridade. E só com a sinceridade é legitimo o perdão, é justificada a indulgencia.

Se Bernardino Machado fosse

sincero, se Bernardino Machado houvesse tomado o passo ao sr. Homem Christo, como affirma, com boas intenções, outro, muito outro, teria sido o seu procedimento. Haveria ido ao Largo de S. Carlos dizer, na sua conferencia: «Meus senhores, quem tem a culpa de tudo sou eu. Eu tive medo d'uma desgraça. Quiz evita-la. Suppuz que conseguiria evita-la sem prejudicar ninguem. Enganei-me. Já pedi perdão á victima. Venho agora pedi-lo á consciencia publica.» E o que dissesse na conferencia do Largo de S. Carlos repeti-lo-hia no Congresso do partido republicano. Assim, só assim, seria licito proclamar e impôr as boas intenções e a boa alma de Bernardino Machado.

Mas Bernardino Machado procedeu d'uma maneira inteiramente differente. Bernardino Machado foi para a conferencia de S. Carlos lançar, por um lado, insinuações perfidas contra o sr. Homem Christo, conceder-lhe, por outro lado, uma falsa defesa *protectora*, e foi para o Congresso republicano accusa-lo abertamente. Na conferencia de S. Carlos chegou a sustentar a monstruosidade de que se os generaes condemnassem o sr. Homem Christo, ficava este com o direito de desafiar os seus juizes. Não eram os seus juizes que ficavam com o dever, escorraçados pelos generaes, esbofeteados por elles, que lhes rasgavam na cara a sentença em que declaravam resolvido o conflicto sem *agravo nem desaire para o caracter de qualquer dos contendores*, de desafiar os generaes, como impõem as *leis da honra* com que todos os tartufos partidarios do duello encham a bocca a cada instante em Portugal. Era o sr. Homem Christo, que não é partidario de duellos, por demais, nem espadachim, que ficava com o direito de desafiar os seus juizes.

Esta só em Portugal e só de... *bombardino rachado!*

No Congresso, insinuava que quem tinha a culpa de tudo era o sr. Homem Christo, que não quizera recorrer a dois camaradas para a arbitragem, como elle aconselhava. E quando o sr. Homem Christo o desmentia, citando nomes que podiam comprovar algumas das suas declarações, não recorria ao testemunho dos individuos citados, recorria ao testemunho da sua honra, da sua *idade*, da sua *categoria*, falando do sr. Homem Christo como quem fala d'um empestado. Pois quem procede assim, depois de tudo quanto succedeu, abona as suas *boas intenções*, abona a sua *sinceridade*?

Supponhamos que o sr. Homem Christo tinha, sob o ponto de vista do duello, procedido muito mal. Que direito tinha Bernardino Machado a impôr-lhe o duello? O sr. Homem Christo tinha querido desaffrontar-se por outra forma. Quem lh'o impediu? Manifestamente, Bernardino Machado. Pelo menos, esta presumpção tem todo o valor, desde que Bernardino Machado recorreu á policia de Lisboa. Admittamos que o sr. Homem Christo não seria capaz de se desaffrontar em encontro *plebeu* com o sr. Affonso Costa. Admittamos contra o sr. Homem Christo tudo quanto quizerem de peor. Desde que Bernardino Machado o foi a sua casa ameaçar com o juiz Veiga, desde que se meteu com elle no comboio, desde que lhe poz a policia no encaço, ficava o sr. Homem Christo auctorizado, e todo o mundo, a accusar abertamente Bernardino Machado.

Sustenta agora Bernardino Machado que pretendia um encontro *regular*, e que o sr. Homem Christo rejeitava esse encontro. Mas quem estava dentro do direito era o sr. Homem Christo e quem estava fóra d'elle era Bernardino Machado. Ou pela liberdade, e pelo direito republicano de Bernardino Machado, e do Congresso, que o applaudiu, o cidadão só tem o direito de regular os seus actos quando Bernardino Machado *lhos não queira regular*?

Miseravel espectáculo, o d'esse homem, que se diz democrata, a censurar, a accusar, a deprimir, um outro homem que foi sua victi-

ma, e que foi sua victima depois de ter consumido uma vida inteira a servir o povo, o seu paiz, á causa democratica. E miseravel espectáculo o do Congresso Republicano a applaudir aquelle homem!

Foi essa a parte publica do procedimento de Bernardino Machado. Resta a parte reservada que não é menos vil, nem, portanto, menos edificante.

Não ha duvida que Bernardino Machado mostrou ao sr. Homem Christo as conclusões da sentença do Directorio. Mas não ha duvida tambem que, alem de Bernardino Machado lhes ter acrescentado umas palavras de capital valor, de que o sr. Homem Christo só teve conhecimento depois da sentença publicada, o sr. Homem Christo poz sempre a questão no pé da sentença satisfazer os preconceitos militares. O sr. Homem Christo disse peremptoriamente a Bernardino Machado, que declarar o Directorio injustas as suas accusações a Affonso Costa, sem proceder a nenhuma averiguação, era tudo quanto havia de mais extraordinario, attentatorio da justiça, da verdade, de todos os principios democraticos. Mas como a responsabilidade ficava toda aos signatarios, em quem o sr. Homem Christo havia delegado, que escrevesse o Directorio o que quizesse, que elle nada tinha com isso, devendo, porém, declarar-lhe particularmente que, uma vez que elle, Bernardino Machado, tinha relações com o ministro da guerra, como lhe declarara, seria da maior conveniencia para todos que expozesse fielmente ao ministro os termos da sentença, e visse se elle a considerava satisfatoria dos *melindres militares*, unica condição para o sr. Homem Christo a aceitar. Bernardino Machado concordou plenamente com isto, achou *muito bem*, termo que lhe é habitual, acrescentando: «Nem o directorio quereria que em cima d'uma sentença lavrada por elle o sr. Homem Christo fosse victima do espirito militar.» E ficou de procurar n'esse dia—era um sabbado—o ministro da guerra. Se o ministro acceitasse, Bernardino não procuraria mais o sr. Homem Christo, publicava-se no dia seguinte, domingo, a decisão do directorio, e ficava tudo liquidado. Se o ministro não acceitasse, Bernardino iria immediatamente participa-lo ao sr. Homem Christo. Ora Bernardino não procurou o sr. Homem Christo, e a sentença appareceu no dia seguinte publicada. Concluiu o sr. Homem Christo, naturalmente, que o ministro a havia considerado satisfatoria. E n'essa persuação partiu para Coimbra.

Sabe toda a gente, que conhece de perto o sr. Homem Christo, quanto elle ama os seus filhos. Pois pela vida de seus filhos jura que tudo quanto fica narrado foi precisamente o que se passou.

Escusado será dizer-se que Bernardino não falou ao ministro da guerra. O santo homem! O immaculado varão!

O sr. Homem Christo não pediu ao Conselho de Disciplina que ouvisse esta ou aquella das pessoas citadas por elle na sua defesa escripta, ou nos seus interrogatorios. Nem pediu isso, nem pediu, nem autorizou ninguem a pedir coisa nenhuma. «E, assim,—dizia ao terminar a defesa escripta apresentada ao Conselho—certo de que ninguem mais do que eu manteve no exercito o brio, o decôro, a dignidade da profissão das armas, com o trabalho, com o estudo, com a mais rigorosa honestidade, espero, com a consciencia tranquilla, a decisão do venerando tribunal, garantindo que não dei um passo, nem o autorisei a ninguem, para provocar compaixão, ou frouxidão no rigor da justiça.»

Não pediu, pois, ao Conselho, que ouvisse esta ou aquella das pessoas citadas por elle na sua defesa escripta e nos seus interrogatorios. Como era que o Conselho, por seu alvedrio, mandava citar *apenas* Bernardino Machado?

Era a consequencia das conversas particulares havidas já entre Bernardino Machado e o mais palaciano dos

generaes, amigo de Bernardino, aquelle que mais ferozmente, que mais implacavelmente se mostrou e pronunciou contra o accusado.

Bernardino não chegou a ser citado. Não sendo citado, apresentou-se, contudo, *espontaneamente*, a depôr no Conselho. Para quê? Toda a gente ficou convencida de que o fim de Bernardino era empregar os *maximos esforços* para salvar o sr. Homem Christo. Ninguem esperava o contrario, ninguem o podia esperar, porque só a alma d'um bandido seria capaz do contrario. Pois—as paredes tem ouvidos!—Bernardino fez uma carga terrivel ao accusado. O santo, o immaculado varão, o *bombardino rachado!*

Cavaqueou e dictou. O *cavaco* foi tudo. O dictado não foi nada. Cavaco pavoroso, em que foi revolvida a propria vida intima do sr. Homem Christo, como os mesmos generaes o tem dicto em toda a parte. Pois o homem do Congresso Republicano não se havia de expandir á vontade, entre as quatro paredes da sala inquisitorial? E não ficam, d'este modo, a evidencia provadas as *boas intenções* com que, desde o principio, se atravessou deante do sr. Homem Christo o santo, o immaculado, o virtuoso... *bombardino rachado?*

A mais frouxa apparencia de justiça impunha o dever d'acrear o sr. Homem Christo com Bernardino Machado. De lhe expôr, ao menos, as accusações ou contradictas de Bernardino Machado, perguntando se lhe se tinha alguma pessoa—e tinha!—para comprovar as suas affirmações e desmentir as de Bernardino Machado. Nada! Ninguem o chamou! Nada se lhe perguntou! Apressaram-se a mandar-lhe dizer, ao gabinete onde estacionava, que se retirasse! E condemnaram-no!

Dias depois reunia-se um Congresso Republicano. E esse Congresso Republicano, onde não houve uma palavra de protesto contra a condemnação, por fórma tão attentatorio dos principios liberaes, do capitão Homem Christo, e esse Congresso Republicano, onde, depois de tudo quanto occorreu, ainda se discutiu se o capitão Homem Christo *era ou não era republicano*, e esse Congresso Republicano, onde Bernardino Machado foi exaltado e o sr. Homem Christo condemnado, conjugou-se admiravelmente com o Conselho Superior de Disciplina do Exercito. Os civis mostraram-se dignos dos militares. Os republicanos dignos dos monarchicos. Todos tem *igual amor á justiça, á verdade, á liberdade*. Todos! Todos provaram que n'este paiz só uma coisa ha verdadeira: o *apodrecimento do caracter nacional*, e que tudo o mais é falso.

Tudo o mais é falso.

Tudo, até a intelligencia dos que tem maior reputação de intelligentes. Não houve n'aquelle congresso um homem verdadeiramente intelligente. Se o houvesse, nenhuma consideração mesquinha por *bombardino rachado* ou equivalentes deixaria de o levar a salvaguardar, não já a verdade, não já a justiça,—ponha-se isso de parte n'um paiz onde não ha caracter—mas os altos interesses politicos do partido republicano. Ora n'um partido que só tem uma preocupação, uma aspiração, um sonho: a *revolução*, ora n'um partido que só do exercito espera a revolução, e que difficilmente, de facto, a fará sem o exercito, não haver um homem, um só homem, n'uma assemblea magna, a affirmar e condemnar a iniquidade de que era victima o capitão Homem Christo, foi levar o horror ao espirito de todos os officiaes com tendencias republicanas e concentra-los n'um retrahimento para muito tempo inabalavel. Tenham a certeza d'isso!

Foi chumbar á perna do partido inteiro uma grillheta, que elle arrastará, para sempre, na historia.

Tenham a certeza d'isso.

Hão-de pagar cara—vê-lo-hão com o tempo,—a sua iniquidade e a sua estupidez.

E pedindo desculpa aos leitores de termos voltado mais uma vez a esta questão, aqui promettemos solemnemente encerra-la hoje, se algum acontecimento inesperado, o que não é provavel, nos não forçar a voltar de novo a ella.

Transcrições

Sob o título *Capitão Homem Christo*, diz o *Diário da Tarde*, de 29 d'abril:

«O ministro da guerra acaba de reformar o capitão Homem Christo. Lá vem essa decisão na ordem do exercito de sabbado. Ao que se diz, o Conselho Superior de Disciplina a que esse official fôra submettido manifestara-se por maioria de quatro votos a favor d'essa solução contra um para que Homem Christo fôsse separado do exercito. Está, pois, liquidado o incidente. Bem? Mal? Nem bem nem mal talvez. Em todo o caso está officialmente liquidado. O sr. Homem Christo tem de submeter-se á decisão do ministro. Nenhum outro recurso lhe resta. Com amargura, com desdem ou com revolta intima tem de submeter-se. Nada pôde valer-lhe já. Assim o entendeu tambem o illustre publicista e vigoroso jornalista, se, como não duvidamos, o *Povo de Aveiro* hoje chegado ao Porto interpreta bem os seus sentimentos e os seus propositos.

Uma violenta questão jornalística a que succedêra uma pendencia liquidada pelo Directorio do Partido Republicano arvorado em tribunal de honra, determinou o sr. ministro da guerra a convocar o referido Conselho, após uma famosa manifestação collectiva de officiaes no regimento a que o sr. Homem Christo pertencia, quando, depois de resolvida a pendencia, no respectivo quartel se apresentou. Ninguem quiz saber ou se preocupou com as razões que haviam levado ou coagido o sr. Homem Christo a aceitar a liquidação da pendencia n'aquelle termos. Não era modo aceitavel para um militar liquidar questões de pundonor:—lá estava, como tribuna d'honra, o Conselho de Disciplina que elle devia ter requerido. E, prompto! costas voltadas e o respectivo general a marchar para Lisboa com a narrativa do sucedido.

Ninguem viu ou quiz attender a que o sr. Homem Christo, antigo membro d'um dos Directorios do partido republicano, de republicanos soffrera a accusação de traidor á sua causa e de denuncias villãs, o que, de facto, só pelo proprio partido podia ser avaliado. Tal accusação desfazia-se singelamente em fumo, quando o sr. dr. Manuel d'Arringa, seu antigo collega no Directorio, e o sr. dr. Augusto de Vasconcellos, presidente da commissão municipal republicana de Lisboa, aceitavam, como aceitaram, apadrinhado n'esta melindrosa circumstancia. A questão de honra pessoal e politica ficava assim julgada, e a do brio militar posta de parte, desde que os arbitros a não julgavam attingida, o que equivalia, pelo silencio ulterior do adversario, a reconhecer-se como procedente essa solução.

Mas dessa de barato que, se o partidario se podia julgar satisfeito ou illibado com o resultado da arbitragem, o mesmo se não podia ou devia dar com o militar se este, como tribunal de honra, lá tinha o Conselho Superior de Disciplina que devia ter requerido, pois que como tal elle funcionava em identicas condições. Mas, como poderia o capitão Homem Christo tê-lo requerido nos termos legais e pelas vias competentes, se mal se apresentou no seu quartel logo topou a manifestação collectiva e hostil de certos camaradas seus e a ordem imperiosa do seu coronel—o mesmo que lhe recommendara prudencia e conciliação!—para que esperasse em sua casa as ordens que lhe havia de dar?

Temos, pois, assim que o capitão Homem Christo foi reformado por não ter requerido o Conselho de Disciplina, cuja reunião se tornou inevitavel pelo procedimento precipitado dos officiaes do 23 de infantaria. Nem sequer trataram de saber se o seu camarada estaria ou não em disposições de o requerer. Costas voltadas e prompto! o general a toda a pressa para Lisboa...

Nós estamos, porem, convencidos de que o mesmo que agora se deu tambem se daria se o sr. Homem Christo houvesse requerido a reunião do Conselho. E a razão da reforma do illustre official não pôde na realidade

ter sido essa, ao contrario do que dizem os que pretendem dar um tom de legalidade e um caracter puramente disciplinar a todas as violencias dos que podem e mandam.

A chave do enigma não pôde deixar d'estar no facto da declaração verbal, *reduzida a auto*, do sr. Homem Christo perante o Republicano:—«Declaro que fui sempre republicano. Sempre assumi e assumo essa responsabilidade. Não nega, antes affirma isto, o «Povo de Aveiro». A honrosa franqueza d'esta declaração é que, fóra de duvida, o collocou na situação official em que ora o sr. Homem Christo se encontra. Não foi por quebra do brio militar ou por macula da sua honra pessoal que o conselho o condemnou; mas pela nobre e corajosa affirmação das suas crenças politicas.

Tudo isto succede por causa de factos que se passaram publicamente e no dominio da imprensa. Ora acontece, porém, que gravissimas accusações fôram feitas tambem na imprensa contra officiaes do regimento de infantaria 23 e que affectam não só a sua honra pessoal mas tambem o brio e o decôro do exercito. Perguntamos:—procedeu o sr. ministro da guerra por fórma a averiguar d'essas infamantes accusações? Mandou reunir o Conselho Superior de Disciplina para d'ellas julgar? Ou requereram, por ventura, esses officiaes a reunião do mesmo conselho, para se justificarem ou illibarem?

Demais, o simples facto da tal manifestação collectiva dos officiaes do 23, preparada e accordada sob a presidencia do coronel do regimento—oh! esse famoso coronel!—cabe tambem sob a alçada dos rigores do Regulamento Disciplinar do Exercito. Mas acerca d'isto nem sequer já queremos philosophar, depois do celebre 18 brumario do Laranjal, preparado por influencia do proprio governador civil do Porto, como hoje estamos em condições d'affirmar...

Tratava-se, porém, de funcionar ao serviço politico e pessoal do governo. Os Regulamentos disciplinares não foram feitos para isso. Portanto a excepção aberta para o sr. capitão Homem Christo de fórma alguma lhe pôde ser deprimente. Eis o que lealmente entendemos e desassombradamente expressamos.

POVO DE AVEIRO

Vende-se em Lisboa na tabacaria Monaco, ao Rocio, e na Tabacaria Americana, ao Chiado. No Porto, na rua Sá da Bandeira 41. Em Coimbra na Tabacaria Central, rua Ferreira Borges, 27, e em Aveiro no kiosque do Antonio de Souza, Largo de Luiz Cypriano.

HOMENAGEM

JOÃO DE DEUS

(Inédito de 1895)

IX

Manifestando o receio de que possa vir a ser imposto ás escolas officiaes o methodo de João de Deus, o sr. Epiphany insinua que o *bezerro de ouro* tem grande influencia e falla no escandalo dos *cincoenta contos*, etc. (Vid. opusculo—«Considerações»—etc, pag. 27). Mas qual *ouro*—o do poeta? O das *Escolas moveis*, cujos minguidos recursos já demonstramos?...

No decurso d'este trabalho já nos referimos á 67.^a missão das *Escolas moveis* em exercicio em Guimarães, na sociedade Martins Sarmiento. Vamos agora dar alguns trechos da *acta dos exames* que alli se realisaram em 9 de março de 1895; é um pouco extenso este documento e por isso a falta de espaço (estes artigos eram destinados a um jornal) não nos permite a sua transcrição na integra. Mas pedimos a todas as pessoas dignas que se interessem em conhecer a verdade—e em especial ao sr. João Franco—como ministro do reino e antigo deputado por aquelle circulo—a mercê da sua attenção para o que vai ler-se:

«... O jury compunha-se dos ex.^{mos} srs. dr. José da Cunha Sampaio, advogado, dr. Avelino Germano da Cos-

ta Freitas, medico, sub-delegado de saúde e professor da Escola Industrial «Francisco d'Hollanda» e padre Abilio Augusto dos Passos, prégador régio e antigo membro da Junta Escolar;

Os ex.^{mos} srs. João Augusto Pereira d'Eça de Chaby, coronel, comandante de infantaria n.º 20, dr. José Eugenio d'Almeida Castello Branco, delegado do procurador régio, dr. Gonçalo Montenegro, dr. Mesquita Paul, sub-delegado do procurador régio, general Thomaz Julio da Costa Sequeira, presidente da Assembléa Vimararense, dr. Antonio Julio de Miranda, presidente do Cabido da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, conego José Maria Gomes, director do Collegio de S. Nicolau, João Abreu, commandante da Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade, Antonio Augusto de Gouveia e Silva, representante do Club Commercial, Antonio Ribeiro Varandas, representante da Associação Artistica Vimararense, padre Firmino Antonio Silva Bravo, director do Collegio de S. Damaso, Augusto Maria Coelho Pinto, professor da «Escola Francisco d'Hollanda», etc., etc., Dr. Avelino da Silva Guimarães, advogado;

A Direcção da *Sociedade Martins Sarmiento* composta dos Ex.^{mos} Srs. Dr. Joaquim José de Meira, medico, director da «Escola Industrial Francisco de Hollanda», presidente, padre João Gomes d'Oliveira Guimarães, abbade de Tagilde, Dr. Antonio Campos da Silva, medico, João Gualdino Pereira, negociante e Gaspar Loureiro d'Almeida Cordoso Paul, secretario; alem d'estes, um grande concurso de socios, professores, alumnos e muitos outros cavalheiros e damas.

«Os 27 alumnos da missão, quer creanças, quer adultos, dêram as mais cabaes demonstrações d'aproveitamento, tornando-se alguns verdadeiramente notaveis pelo desembaraço com que satisfizeram a todas as provas, o que com os antigos methodos só se conseguia ao cabo de muitos annos de provações para os alumnos e para o mestre.

Na leitura, embora mais ou menos rapida, notava-se á primeira vista o modo correcto de pronuncia, isenta dos muitos vicios locais, que os melhores mestres nem sempre são capazes de vencer. Em nenhum dos alumnos se observou qualquer indício, por muito ligeiro que fosse, de gaguez, enfraquecimento visual, ou de outra qualquer lesão ou perturbação que pudesse ser imputavel ao methodo.

«O curso começou em 15 d'outubro de 1894 e constou de 96 lições, sendo para notar o zelo e extraordinaria dedicação do professor sr. José Gonçalves Martins (estudou apenas o methodo com o auctor; nunca foi normalista).

«O jury n'esta sua opinião, quer a respeito dos alumnos, quer do professor, é acompanhado pela opinião geral dos assistentes, que francamente testemunharam a surpresa dos brilhantes resultados que presenciaram.

Esta missão vem portanto dar novo fundamento á convicção que já se tinha formado quando na sessão solemnemente do «Sociedade Martins Sarmiento» de 9 de março de 1892, se dêram as provas dos alumnos da missão rural da Aroza, e é de que um methodo que produz tantos e taes fructos, merecia, em nome dos mais justos interesses da instrução popular, ser adoptado obrigatoriamente em todas as escolas de instrução elemental, poupando-se ás creanças tempo e trabalho inutilmente gastos, ensinando-se-lhe o amor pelo estudo, e dando-se-lhe com a consciencia do rapido e franco aproveitamento a affeição á escola e ao mestre, que os velhos e rotineiros processos, com o seu acompanhamento natural e indispensavel das violencias corporaes difficilmente conseguiam.

«Depois de observado tão prodigioso resultado, seria barbaro que se deixassem campar ainda por mais tempo os antigos processos de ensino infantil, e por isso a direcção da «Sociedade Martins Sarmiento» lembra a todos os professores d'ensino primario

d'este concelho a necessidade conveniente de adoptarem o methodo de João de Deus, e pede á illustre camara municipal que se digno representar no sentido de que o referido methodo seja adoptado officialmente nas escolas primarias.»

Os 27 alumnos de 6 a 40 annos de idade tiveram em média 88 lições. O jury d'estes exames composto de pessoas respeitaveis—entrando n'elle varios professores e tres medicos—declararam positivamente que não viram nos alumnos indício algum de gaguez ou de cegueira. Depois da leitura desta acta, da qual nos foi remettida copia, conjuntamente com as escriptas dos 27 examinados (documentos á disposição de quem os quizer verificar no L. do Terreiro do Trigo n.º 20-1.º) em que situação ficam collocados o professor Epiphany do Lyceu de Lisboa e os medicos Gouveia Osorio, Guerra e Carlos Lopes, do Porto?...

Relaxamos estes conscienciosos sabios ao tribunal da opinião publica.

Orimisac.

(1895)

Theatro Aveirense

Pela notavel companhia do Theatro D. Amelia, de que fazem parte os insignes artistas Lucilia Simões e Augusto Rosa, vamos ter nos dias 10, 11 e 12 tres esplendidas récitas de assignatura no nosso theatro.

No dia 10—*A Rajada*. No dia 11—*O Tio Milhão*. No dia 12—*D. Cesar de Bazan*, três peças que tem sido um acontecimento na capital e nos principaes theatros portuguezes.

A assignatura para estes tres extraordinarios espectaculos já se encontra aberta na Tabacaria Havaneza, aos Arcos.

SEMPRE O MESMO

Ribas d'Avellar propoz, no Congresso Republicano, que fosse adoptada a moção, approvada em tempo pelo Grupo Republicano d'Estudos Sociaes, expulsando o *Seculo* do partido republicano. Accudiu, lepidamente, Bernardino Machado a dizer, segundo a *Lucta* «que depois da campanha democratica que o *Seculo* tem feito, em que tão particularmente elle, orador, tem sido alvejado, a approvaçã da proposta do sr. Ribas o aggravaria pessoalmente.»

Cá está elle! Puro, authenticamente, legitimo! Cá está elle, omnisciente, omnipotente! Infallivel! Divino!

Bem diziamos nós aqui, em 10 de março, no famoso artigo *Por Uma Só Vez*: «Cunha e Costa não tardará a reentrar, como é de coherencia e justiça, e desde já invocamos para mais esse peccador arrependido a santa intervenção de Bernardino Machado, no glorioso e prestigioso partido republicano portuguez.»

Viamos bem. Poderemos não ver as ratoeiras armadas pelos grandes patifes, como é proprio de todos os homens d'alguma elevação intellectual e d'alguma elevação moral. Mas as coisas d'importancia vemo-las regularmente.

Para o santo varão que se chama Bernardino Machado pouco importa a verdade ou a mentira, a sinceridade ou a hypocrisia, a maldade ou a bondade. O que importa é incensar-lo, ou não o incensar. Não o incensa o sincero, o verdadeiro, o bom? Guerra de morte a esse! Mas incensa-o o mentiroso, o hypocrita, o malvado? Bernardino abre-lhe os braços e estreita-o contra o

peito em nome da cordealidade, do amor, da piedade. O bom Bernardino, o santo Bernardino!

Toda a gente conhece Cunha e Costa. Mas Cunha e Costa incensam Bernardino. Vão lá dizer mal de Cunha e Costa a Bernardino?

Toda a gente sabe o que é o *Seculo*, e o que tem sido o *Seculo*. Mas o *Seculo* exalta Bernardino. Vão lá deixar de considerar o *Seculo* republicano! Atrevam-se a aggravar o bom do Bernardino!

Ha muito que nós percebiamos o jogo de Silva Graça, de Cunha e Costa e de Bernardino. Silva Graça, vendo a má vontade do elemento popular contra o *Seculo*, procurou captar as sympathias d'esse elemento, e não confiando absolutamente na própria fezinha gata a Bernardino. Cunha e Costa procurou approximar-se dos republicanos logo que chegou a Portugal. Como visse má vontade em alguns, tentou a ponte Bernardino, para o que bastava elogiar Bernardino.

Dicto e feito. *Seculo* é amigo de Bernardino. E' amigo do *Seculo* Bernardino. De tal fórma que não consideram o Cunha e Costa, o Silva Graça ou o *Seculo* republicano, é um attentado de lesa-magestade, que inflamma em colera El-Rei D. Bernardino, successor de Sua Magestade o Rei D. Carlos. Porque, afinal, o verdadeiro herdeiro presumptivo não é o Senhor D. Luiz Filipe, como se apregoa. E' o Senhor D. Bernardino, a quem não podemos tratar por Alteza, porque elle já é Rei em vida do Rei. A unica differença que, como herdeiro, elle faz de D. Luiz Filipe.

E, como Rei, todos os seus subditos, os republicanos, se lhe curvaram reverentes no Congresso, até quando elle disse que seria aggravado não consideram o *Seculo* republicano.

Gloria a Deus, gloria ao Bernardino, gloria ao Congresso, gloria ao partido republicano. Ao mesmo tempo que se discutia se o sr. Homem Christo seria ou não seria republicano, e que contra elle se manifestavam os representantes da virtude nacional, ninguem tugia, ninguem mugia, perante a solemne declaração de que não consideram republicano o Silva Graça, o Cunha e Costa, e o *Seculo*, e pela *capitalissima* razão de Silva Graça, Cunha e Costa, e *Seculo*, estarem elevando ás nuvens Sua Magestade El-Rei D. Bernardino, seria aggravar tão Excelso e Magnanimo Senhor.

Rectifiquemos. Ao entoarmos atraz o nosso hymno de gloria pozerios Deus em primeiro lugar. Não. Rectifiquemos. Primeiro Bernardino. Segundo o Partido Republicano. E depois Deus, ou quem quizerem.

Gloria, Gloria, Gloria a Sua Magestade D. Bernardino!

Real, Real, Real, por D. Bernardino I, Rei da Republica e de Portugal!

Novo jornal

Deve sair no dia 19 do corrente n'esta cidade um novo jornal, que terá por titulo *O Proletario*, sendo defensor das classes operarias e collaborado pelos mesmos. A vante.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Comprea **OSMOND**.

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Clufariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, anexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.
Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 300 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.
Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA — SANGALHOS

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um servico de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distracções.

Para que o servico seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correitor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros servicos que ali lhes possam ser fornecidos.

AVEIRO NA RUA DIREITA LEMBRANÇA

Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHÃO)

vem lembrar aos seus amigos e freguezes que não deixem de fazer as suas encomendas do costume dos Gabões feitos no seu estabelecimento, pois que são os mais bem acabados e mais baratos, tanto para os Gabões como para roupas. Tem sempre um lindo sortido de fazendas.

Jose Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto
CLINICA GERAL
Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
E. dos Mercadores — AVEIRO

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correlligionario José de Souza Larcher.

TYPOGRAPHIA DO DE AVEIRO
Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encaregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.
Especialidade em cartões de visita

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album, ou livro contendo as licções da Cartilha Maternal em ponto grande 50000
- Quadros Parietaes, ou as mesmas licções em trinta e cinco cartões. 60000
- Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia prático e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripita—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Methodo
- A Cartilha Maternal e o Apostolado. 500
- A Cartilha Maternal e a Critica. 500

Do mesmo auctor:
LITTERATURA
Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL
Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA
Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES
DE
CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.
Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.
Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.
ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, cbaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.
MODICIDADE DE PREÇOS
RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO